

Colóquio Internacional — *Outros Sentidos para Novas Cidadanias*. Porto, 6-8 de Julho de 1997

1. Sentido e oportunidade do colóquio

Nos dias 6 a 8 de Julho de 1997 realizou-se, na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, um colóquio internacional intitulado *Outros Sentidos para Novas Cidadanias*, que teve como principais objectivos dar a conhecer as investigações realizadas no âmbito dos Projectos NORA e PROCIMAS e promover o debate entre especialistas nas questões de género e docentes sobre a necessidade de ter em conta as desigualdades de género na educação e na sociedade.

A temática deste colóquio assume grande relevância, dado que investigações que vão sendo feitas no seu âmbito denunciam, tornando-o insustentável, o desfazamento entre as representações sobre o estatuto social das mulheres e a sua real inserção social, na medida em que, simultaneamente, desconstróem as representações estereotipadas e permitem que a realidade surja fotografada com maior aproximação à sua verdadeira dinâmica. Nessa medida um colóquio deste tipo pode tornar-se um *pivot* para que se alterem as práticas sociais, quer em termos mais quantitativos, de reivindicações imediatas por uma participação mais igualitária nos diferentes sectores da sociedade, quer a um nível mais qualitativo, do funcionamento social global, permitindo novos desenhos de dinâmicas sociais, políticas e económicas, que configurem, de

modo inovador, a edificação da democracia no sentido de assegurar um desenvolvimento humano solidário e sustentado.

A importância da informação neste processo transformador foi suficientemente realçada pelo estudo prospectivo, levado a cabo sob a coordenação de Manuela Silva¹, do qual resulta claro que, hoje, qualquer transformação social exige a interacção entre duas dinâmicas: a configuração de novos desenhos sociais e, ao mesmo tempo, o aprender a ler de outro modo, a partir deles, os formatos existentes, de tal modo que surjam categorias inovadoras na maneira de pensar a intervenção social das mulheres de forma a que o futuro possa ser o efectivo resultado de uma vitalidade democrática, ou seja, conscientemente interventiva, de cidadãos e cidadãs.

Entre nós, este colóquio tem ainda uma importância acrescida, pois pode ser lido como um indicador de mudança da situação bastante incipiente como as questões de género se têm expressado em termos académicos, situação patenteada na escassez de investigações de mestrado e doutoramento, na quase total ausência de departamentos ou cursos universitários específicos e no também reduzido número de projectos de intervenção teórica e prática neste domínio. Esta situação, de facto, parece encontrar-se num momento de viragem, pelo simultâneo aparecimento, em diferentes Escolas Superiores, Universidades e outras organizações e instituições vocacionadas

¹ Silva, Manuela e Heloísa Perista, *As Portuguesas e a União Europeia. Prospectivas para a Acção*, Lisboa, CIDM, 1996.

para as questões das mulheres e da igualdade, de projectos de investigação e de intervenção que abordam os Estudos sobre o Género de diferentes ângulos.

2. Funcionamento e áreas temáticas

O colóquio desenvolveu-se, fundamentalmente, em sessões plenárias, dinamizadas pela apresentação de conferências e comunicações comentadas, as quais versaram as seguintes áreas temáticas:

A questão da cidadania: Nesta área temática debateu-se o alcance do próprio conceito de cidadania, com o contributo das perspectivas feministas, e identificou-se a relação existente entre os contextos sócio-culturais e as diferentes experiências vivenciais da cidadania por parte de homens e mulheres. Neste sentido, Madeleine Arnot (Univ. Cambridge) salientou que, enquanto na cultura britânica os discursos se revelam mais igualitários mercê da sua longa tradição liberal, nos países latinos do sul da Europa predominam discursos políticos e morais, decorrentes, respectivamente, das tradições greco-romana e judaico-cristã.

Para além desta dimensão mais teórica, foram também realçados outros aspectos da temática da cidadania, tendo Marina Subirats (Univ. Autónoma de Barcelona) alertado para a necessidade de se ter em atenção que a procura de uma cidadania igualitária tem de considerar os diferentes ritmos de desenvolvimento cultural e social dos variados países do mundo. Nesse contexto, desenvolveu-se um debate em torno de duas posições diferenciadas: por um lado, a defesa de um avanço sistemático em termos de conquistas de novos direitos que, contudo, não é assimilado pela massa social; por outro lado, a defesa de uma posição que, sendo menos igualitária, se

mostrasse em maior consonância com os ritmos da sociedade no seu todo.

Numa perspectiva de desenvolvimento de práticas e estratégias conducentes a uma real educação para a cidadania, foram focalizados, nomeadamente por Celia Jenkins (Univ. Westminster), trabalhos pioneiros no âmbito da prevenção da violência sexual, como componente essencial da formação dos/as futuros/as cidadãos e cidadãs.

Ainda dentro desta temática foram apresentados materiais curriculares, produzidos no âmbito do Projecto PROCIMAS — Vídeo: *Valores e Raízes — Educação e Cidadania das Mulheres*; Manual: *Mulheres, Cidadania e Trabalho*; Bibliografia Anotada: *Mulheres e Cidadania* — que constituem recursos inovadores para uma intervenção pedagógica que favoreça a construção de um novo conceito de educação para a cidadania.

A coeducação e a História: Nesta área houve também uma diversidade de comunicações, como as de Laura Fonseca (ISSS — Porto) e Helena C. Araújo, Cristina Rocha e Manuela Ferreira (FPCE — Univ. Porto) que, no entanto, podem ser lidas segundo um fio comum, que se materializa na segregação das mulheres para um determinado tipo de profissionalidade, ou com menos estatuto social, ou com dimensão económica inferior, ou ainda em continuidade directa em relação à maternidade e à vida familiar. A perspectiva histórica de algumas comunicações permitiu evidenciar, semelhantemente, como certas profissões e certos diplomas se desvalorizam socialmente a partir do momento em que passam a ser ocupados por mulheres.

As representações sociais: A problemática das representações sociais foi focada a partir de diferentes temáticas:

- dos movimentos de mulheres em Portugal, mostrando Maria José Magalhães (FPCE — Univ. Porto) que, a despeito da defesa da impossibilidade da sua conceptualização como um movimento social nos anos 70 e 80, esses movimentos tiveram um grande impacto no plano da extensão de oportunidades para as raparigas, quer na escola, quer no trabalho;
- da forma conflitual como formadores/as e futuros/as docentes, segundo os resultados do projecto de investigação PROCIMAS, encaram a definição de feminilidade e o papel das mulheres na sociedade;
- do modo de experienciar a cidadania, evidenciando Xavier Bonal, Xavier Rambla e Amparo Tomé (U: Autònoma de Barcelona) que os rapazes se ligam a um discurso mais ligado aos direitos políticos e as raparigas a um discurso que privilegia o bem comum;
- da questão das migrações, realçando Natércia Pacheco que no caso das mulheres-estudantes há uma sobreposição de género e de cultura no confronto entre a realidade em que se inserem e as representações que dela constróem.

A masculinidade — as masculinidades:

A este nível foram marcantes duas linhas de reflexão decorrentes das intervenções de Sue Lees (Univ. North London) e de Miguel Vale de Almeida (ISCTE): a dominância de uma masculinidade hegemónica, prepotente e avassaladora, que oculta e exclui todos os modos possíveis de viver a masculinidade e a feminilidade; a conceptualização da masculinidade como uma construção socio-histórica.

No quadro desta temática foram ainda apresentadas as conclusões parciais do Projecto ARIANNE.

3. Conclusão

Um olhar de apreciação do conjunto do colóquio tem de congratular-se pela troca de experiências e de pontos de vista que foi possível acontecer ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, bem como pela sua eventual contribuição para a promoção dos Estudos sobre as Mulheres e sobre o Género nas Ciências da Educação e, genericamente, nas Ciências Sociais, no horizonte da construção de «outros sentidos para novas cidadanias». ■

Fernanda Henriques
Teresa Pinto

193

Colóquio Internacional «*L'Histoire sans les femmes est-elle possible? Réflexion épistémologique et pluralité des approches*» (Ruão)

Por iniciativa da Faculdade de Letras e de Ciências Humanas da Universidade de Ruão (França), realizou-se nesta cidade, de 27 a 29 de Novembro de 1997, o Colóquio internacional *L'Histoire sans les femmes est-elle possible? Réflexion épistémologique et pluralité des approches*.

Vinte anos decorridos sobre os primeiros congressos que, um pouco por toda a Europa, se interrogavam «se a mulher tinha história», o tema afigurava-se provocador e aliciante. Coordenado por Anne-Marie Sohn, este Colóquio visava debater, numa perspectiva comparada, o contributo dos diversos campos de estudo para a compreensão da problemática do feminino, fazer o balanço da actual situação historiográfica

dos *women's studies* e simultaneamente apontar linhas de pesquisa.

Contando com a presença de investigadores de diversas nacionalidades (para além da francesa, alemã, austríaca, americana, canadiana, inglesa, japonesa, italiana, espanhola e portuguesa), o Colóquio desdobrou-se em três grandes sessões (*Écriture de l'histoire et construction des catégories; Innovations et confrontations e Transmission des savoirs*) subdivididas, por sua vez, em vários painéis. Sem pretender esgotar o assunto, foram abordadas problemáticas tão diversas como o papel das classes, dos sexos, do género, das raças e das etnias na história social e nas histórias nacionais, o conteúdo dos ensinos e formação dos docentes ou a interrelação entre as estruturas institucionais e as carreiras, entre tantos outros. Em cada sessão, as exposições apresentadas foram objecto de apreciação crítica por parte de um relator convidado, à qual se seguia um debate, por vezes bastante vivo, se não mesmo polémico. Foi, neste aspecto, particularmente acesa a discussão em torno da comunicação apresentada por Mary-Jo Bonnet («L'histoire des lesbiennes est-elle tabou?»), a qual, começando por afirmar a «solidão» e o «trabalho de censura exercido sobre a homossexualidade feminina», associaria à «invisibilidade historiográfica da sexualidade entre mulheres» a tomada de posições políticas ou militantes, o que levantou clamores por parte da assistência.

Ao longo dos três dias de trabalho foram apresentadas cerca de trinta comunicações, as quais, ressaltando o grande interesse da interdisciplinaridade nesta área de estudos, proporcionaram uma sugestiva história comparativa. No entanto, estas, na sua maioria, pecaram, em meu entender, por uma excessiva teorização, em detrimento do recurso às fontes históri-

cas. Ressalte-se neste domínio, pelo volumoso acervo documental utilizado, as comunicações apresentadas na secção «Vers une histoire de la masculinité», em particular as da autoria de Ute Frevert («Valeurs militaires et histoire du masculin en Allemagne au XIX^{ème} siècle») e de Odile Roynette («Pour une histoire du masculin: signes et traces de la souffrance masculine dans les casernes du XIX^{ème} siècle»). Partindo do princípio de que a «história do género não se deve apenas limitar à história do sexo feminino» mas que o «estudo da identidade masculina» pode ajudar a reformular o conceito de «feminilidade», estas autoras, tomando como base de pesquisa o serviço militar obrigatório no século XIX, apresentaram verdadeiros programas de trabalho «inovadores» e muito «prometedores», como os definiu Piera delle Belle.

A historiografia portuguesa esteve representada por Anne Cova, da Universidade Aberta (Lisboa) que, na sua comunicação intitulada «L'enseignement de l'histoire des femmes dans la péninsule ibérique», fez o balanço crítico do que de mais relevante se tem produzido em Portugal e em Espanha no âmbito da história das mulheres.

No decorrer do Colóquio teve lugar uma semana de cinema dedicada ao tema «Les femmes et le cinéma 1930-1950» e foi inaugurada, na Biblioteca Municipal de Ruão, a exposição temporária «Affaires de femmes».

Aguarda-se com expectativa a publicação das Actas deste importante Colóquio, o qual demonstrou, de uma forma inequívoca, a vitalidade da «história das mulheres».

■

Temps nouveaux-Nouveaux Syndicats

Bruxelas, 5 a 7 de Fevereiro de 1998

Por ocasião dos seus 25 anos de vida, a Confederação Europeia de Sindicatos (CES) realizou na sua sede, em Bruxelas, um Congresso Internacional de três dias sobre as novas estratégias sindicais do final de milénio. Contando com a presença de inúmeros dirigentes sindicais das organizações filiadas na CES e de reputados especialistas do meio académico e da investigação, o congresso teve como tema os «Novos Sindicatos em Tempos Novos». Por detrás desta temática estava, pois, a questão central de saber de que modo deve o sindicalismo modernizar-se e adaptar-se às transformações rápidas que ocorrem na sociedade e aos processos de individualização e globalização crescentes que nela têm lugar.

Reiner Hoffmann (Director do Instituto Sindical Europeu) procedeu à abertura dos trabalhos, tendo abordado, no discurso inaugural, os factores de mudança estrutural da vida dos sindicatos e as consequências daí resultantes para a sua organização. Para além de uma apresentação extensa do programa do congresso, levantou algumas questões que viriam a atravessar transversalmente as várias sessões de trabalho: em que medida são novos para os sindicatos os desafios decorrentes da globalização? Quais as novas possibilidades de participação dos trabalhadores que se vislumbram global e localmente? Como compreender hoje as opções simultaneamente europeizadoras e descentralizantes da negociação colectiva?

Seguiu-se, ao longo de toda a manhã, uma mesa redonda subordinada ao tema

«Os sindicatos entre a exclusão social, a individualização e a globalização». Moderada por Robert Taylor (Financial Times), esta mesa redonda acolheu os contributos de Franz Traxler (Universidade de Viena), George Ross (Centro de Estudos Europeus de Harvard), Michel Wierviorka (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris), Peter Cassels (ICTU, Dublin), Rafael Lamas (em substituição de Mía Devits, FGTB, Bruxelas) e João Proença (UGT, Lisboa). Cada qual à sua maneira abordou as implicações para os sindicatos decorrentes da incidência simultânea daqueles três conceitos (exclusão, individualismo e globalização), apresentando não só uma visão geral do sindicalismo do final do século XX como dando conta de certas particularidades dos seus próprios países.

A parte da tarde foi preenchida com o início do primeiro forum de discussão intitulado «Novas forças de trabalho, velhos sindicatos?». Este forum foi dinamizado por Jelle Visser (Universidade de Amesterdão), Jeremy Waddington (Universidade de Warwick), Maurizio Ambrosini (Universidade Católica de Milão), Bernardette Tesch-Segol (EURO-FIET, Bruxelas), Carola Fischbach-Pyttel (FSESP, Bruxelas) e Giuseppe Casadio (CGIL, Roma). Os participantes neste forum discutiram questões relacionadas com as modificações nos mercados de trabalho, a evolução das taxas de sindicalização, as estratégias de recrutamento sindical perante novas e velhas forças de trabalho ou ainda a sindicalização no sector dos serviços.

O segundo dia de trabalhos começou com o segundo forum: «Novas oportunidades de participação — perspectivas globais e locais». Recebeu o contributo de Guido Baglioni (Universidade de Milão), Ake Sandberg (Arbetslivsinstitutet, Estocolomo), Janine Goetschy (CNRS, Universidade de Nanterre, Paris), Harald Schartau (IG

Metall, Dortmund) e Lodewijk de Waal (FNV, Amsterdão). Como o próprio título deixou antever, este forum suscitou inúmeras reflexões em torno da ideia de «participação», ou seja, debruçou-se sobre as forças e fraquezas da participação democrática dos trabalhadores nos seus locais de trabalho e sobre a importância do envolvimento efectivo dos trabalhadores na construção de uma Europa Social.

Na parte da tarde realizou-se o forum III, «Descentralização e europeização da negociação colectiva: uma contradição?», que contou com a presença de Franz Traxler (Universidade de Viena), Reinhard Kuhlman (FEM, Bruxelas), Paul Marginson (Universidade de Leeds, Business School), Daniel Vaughan-Whitehead (Bureau BI de Budapeste) e Jean Iapeyre (CES, Bruxelas). Este forum reflectiu conjuntamente sobre: o modelo de (des)organização da negociação colectiva na Europa em face das mutações industriais em curso neste continente; as disparidades que existem ao nível das relações profissionais entre os países de Leste e os países da Europa Ocidental; e ainda sobre se a negociação colectiva europeia pode ou não ser considerada mais um projecto virtual do que uma realidade concreta.

No seguimento deste terceiro forum realizaram-se cinco sessões de trabalho simultâneas organizadas pelas Federações Sindicais Europeias. Tendo presente que a necessidade de uma europeização das relações sociais decorre do processo de integração europeia e constitui, ao mesmo tempo, uma resposta aos processos de globalização, os cinco *ateliers* procuraram analisar as consequências práticas daí resultantes. Em concreto, abordou-se: a modernização dos serviços públicos na Europa; a Directiva sobre destacamento e europeização das relações profissionais; a europeização da negociação colectiva no

sector metalúrgico; as cláusulas sobre os direitos humanos e os códigos de conduta; e a filiação sindical via internet.

O segundo dia de trabalhos terminou em beleza como o momento simbólico que foi o assinalar do 25º aniversário da CES, com a presença de Fritz Verzetnitsch (Presidente da CES) e de Jacques Delors (Presidente da «Nossa Europa») e posteriormente de um quinteto de jazz de Bruxelas.

Finalmente, no dia 7 de Fevereiro realizou-se, pela manhã, um painel de discussão intitulado «A europeização dos sindicatos: uma simples ilusão?». Moderado por Reiner Hoffmann (ISE, Bruxelas), este painel acolheu como participantes John Edmonds (GMB, Londres), Bertil Lönsson (LO, Estocolmo) e Raffaele Morese (CISL, Roma). Na linha das reflexões anteriores, este debate público centrou-se em torno da questão de saber se a europeização do sindicalismo pode mesmo constituir uma perspectiva realista que deve ser assumida colectivamente e sem receios. Também aqui, e à semelhança da generalidade dos debates, não se esperava que surgissem respostas definitivas ou «soluções milagrosas». Sem deixarem de reforçar a importância da expressão «europeização», muitos dos participantes neste Congresso Internacional foram, todavia, dando conta das situações concretas que melhor conheciam nos seus países. Este foi um sinal de que, apesar da persistência das perplexidades, é forte a convicção de que um compromisso real com a europeização deve ser edificado a partir dos próprios espaços nacionais.

Coube a Emilio Gabaglio (Secretário-Geral da CES) o encerramento oficial dos trabalhos do Congresso. Na sua intervenção, intitulada «A CES e os desafios do futuro», referiu-se ao papel sócio-histórico desempenhado pela CES enquanto actor sindical europeu com forte vinculação às

questões europeias e enquanto estrutura capaz de influenciar decisões europeias (falando-se mesmo em *lobby*). A necessidade de assumir o «projecto europeu», como projecto político, e de concretizar rapidamente um «modelo social europeu» foram igualmente duas notas finais da sua intervenção. Depois de saudar uma vez

mais os participantes, Gabaglio terminou este evento histórico lembrando-lhes ainda que, naquela tarde de sábado, podiam aproveitar para viajar por Bruxelas numa visita guiada pelo *Atelier de Recherche et D'Action Urbaines*. ■

Hermes Augusto Costa